

ENTREVISTA


Yan Rodrigues dos Santos

“O Direito abre sua cabeça de tal forma que transforma você em cidadão.”

Yan Rodrigues dos Santos formou-se em 2015 em Direito, na São Francisco-USP. Para estudar no Etapa, mudou-se aos 14 anos e veio morar sozinho em São Paulo. Fala do papel das suas rotinas e de suas escolhas, do que fez na faculdade e das opções que pretende seguir. E dá algumas dicas aos alunos atuais.

JC – Desde quando você pensava em seguir Direito?

Yan – Desde que me entendo eu gosto de Humanidades. Mas eu não tinha certeza de que queria Direito. Meu interesse cresceu no colegial. Foi gradual – no 1º ano veio a ideia de fazer Direito, que cresceu no 2º ano e tornou-se, no 3º ano, absoluta certeza.

Quando você veio estudar aqui?

No 1º ano do Ensino Médio. Vim de Atibaia para estudar em São Paulo. Escolhemos o Colégio Etapa porque eu já estudava pelo sistema Etapa.

Com que idade você se mudou para São Paulo?

Eu tinha 14 para 15 anos. Foi um chorô. Minha mãe não queria de jeito nenhum que eu viesse sozinho por ser muito novo. Com apoio de meu pai acabei vindo e morei sozinho até o 3º colegial. Aí minha irmã veio fazer cursinho no Etapa. Ela é mais velha, veio morar comigo. Isso deixou minha mãe mais tranquila.

Como era sua rotina de estudos no Etapa? Era difícil estar sozinho na cidade?

De manhã vinha para o colégio – aprendia com facilidade, não tive problemas. Depois voltava para casa para estudar. Eu não tinha tempo para ficar pensando: “Nossa, que solidão, não co-

nheço ninguém, não tenho parente nenhum aqui, que cidade estranha”. Nada disso. Minha cabeça estava no dia seguinte – se ia ter prova, precisava estudar.

Você se acostumou fácil com prova todo dia?

Na minha opinião é a grande virtude do Colégio Etapa. Minha sugestão aos alunos atuais é para darem valor a essa metodologia de avaliação diária. Ela é fundamental e faz a diferença entre o Colégio Etapa e todos os outros colégios. Foi o que me fez explodir no vestibular e assim por diante. Quando entrei na faculdade, do que mais senti falta foi de uma avaliação diária.

Então você achou tranquilo seguir esse sistema?

Não, foi muito difícil e, no 3º ano, foi um absurdo. Na metade do ano falei: “Não aguento mais, isso é muito pesado, não sei se vou resistir”. Mas, olhando agora, em retrospectiva, o sistema de provas diárias é infalível.

No 3º ano você mudou alguma coisa no seu método de estudo?

Não, porque eu já tinha me acostumado a estudar todos os dias. A única coisa que mudou no 3º colegial foi a iminência do vestibular, com aquela pressão natural.

ENTREVISTA

Carreira – Direito

1
VOCÊ SABIA QUE...

As grandes navegações

5
ENTRE PARÊNTESES

Cesto de pães

7
SOBRE AS PALAVRAS

“Ovelha negra da família”

3
ARTIGO

Fungo descoberto em castanheiras pode ter atividade bactericida

6
ESPECIAL

Manhã Interativa

8
CONTO

Apólogo brasileiro sem véu de alegoria – Antônio de Alcântara Machado

4

Aplicativo Fila Fácil

8

Você chegou a pensar na possibilidade de não passar direto do 3º ano?

Eu tinha resultados favoráveis nos simulados e fui para a luta com a segurança que o colégio me proporcionou.

No colégio, além das aulas, você participou de outras atividades?

Fiz um curso de Filosofia, fiz informática, fiz francês. E não perdia os simulados abertos no cursinho.

Você participou de olimpíadas?

Eu participava, mas não tinha muita competência. Ganhei um bronze na Olimpíada Brasileira de Física, mas sempre que chegava na 3ª fase da OBM eu percebia que não era a minha.

Como você foi na Fuvest?

Entreí na São Francisco em 4º lugar – mas isso não dava privilégios. Uma vez dentro, todos são iguais. E acho bom que seja assim.

Como foi seu início na faculdade?

Eu tentei dar continuidade à metodologia de estudo diário que tinha no colégio. Mas como não tinha provas diárias, o método de estudo foi se alterando gradualmente. Até que chegou uma hora em que eu percebi que tinha de mudar. Entrou o tripé universitário, intensivo, cultura, extensão. Iniciei várias atividades extracurriculares. Fiz iniciação científica da metade do 2º ano até a metade do 3º, fui professor de inglês no CCAA, dei aulas em um cursinho no Bom Retiro para a comunidade coreana. Depois prestei para o Arcadas Vestibulares, cursinho popular da São Francisco, que usa o sistema Etapa inclusive. Fiquei mais de um ano. Lá fui professor de Matemática e gostava muito de dar aulas.

Qual foi o tema de sua iniciação científica?

Estudei a imprescritibilidade do crime de racismo no Brasil. Foi uma ótima iniciação científica. Apresentei minha tese no Simpósio de Iniciação Científica Internacional da USP. Foi muito bacana.

O que você destacou nessa pesquisa?

Em primeiro lugar me saltou aos olhos o fato de que o crime de racismo é o único que não prescreve pela Constituição Federal. Ele é também inafiançável. O fato de ser o único crime que não prescreve tem uma carga simbólica muito grande. Você pode ser condenado daqui a 50 anos por um crime que praticou hoje, o que é uma aberração do sistema penal. Foi isso que me chamou atenção e me fez querer estudar a razão de os constituintes de 88 terem tornado imprescritível o crime de racismo. Eu sou meio temerário, no fim das contas acabei me tornando meio crítico disso, porque é desproporcional. Só outro crime é imprescritível, o atentado contra a ordem pública e as instituições do Estado e sociedade. São crimes de terrorismo, genocídio, com uma carga de violência tão grande que é desproporcional ao racismo, com todo o respeito.

Além dessa tese, o que você fez que gostaria de realçar?

Fiz intercâmbio na França. Fiquei um ano na Universidade de Nantes. Fui sem bolsa, com a cara e a coragem – e suporte de minha família. Eu queria uma experiência nova. E no meu

projeto de intercâmbio coloquei uma continuidade do projeto de iniciação científica. Eu acho que isso é que me fez ganhar a vaga do intercâmbio. Um período sensacional, não só em termos acadêmicos, mas também em termos culturais, pessoais. Você amadurece de maneira brutal.

O que você estudou em Nantes?

Fiz matérias mais globais como Direito Administrativo e Direito do Trabalho.

Os créditos de Nantes valeram para a USP?

Consegui menos créditos do que eu gostaria, mas mesmo assim consegui me formar em cinco anos.

De volta a São Paulo, o que você fez?

Depois do intercâmbio eu fiquei completamente concentrado em me formar.

Que matérias você estudou na São Francisco?

No 1º ano tive as matérias básicas, Direito Civil, parte geral, Direito Penal, parte geral, Direito Penal, parte específica já no segundo semestre. Direito Constitucional Fundamental, Introdução ao Estudo do Direito, Introdução à Filosofia, Teoria Geral do Estado, Formação das Instituições Jurídicas no Brasil.

No 2º ano, como foi?

As matérias mais difíceis foram as do 2º ano. Direito Financeiro, continuação do Direito Penal, Metodologia para Redação de Monografia Jurídica. Não quero nem lembrar do 2º ano, pesadíssimo. No 3º ano tive Filosofia do Direito, Direito Societário, Direito do Trabalho, de Falências, Comercial, Empresarial, Concursal. Tem Direito Penal durante todo o curso e você vai aprofundando.

No 5º ano você teve a opção de fazer optativas?

Fiz todas as optativas que pude. Como o meu objetivo era terminar em cinco anos e precisava de créditos, eu fazia todo o período diurno, estagiava, e todo o período noturno, de segunda a sexta-feira. Queria me formar de todo jeito.

No 5º ano, onde você fez estágio?

Logo que voltei, iniciei um estágio de seis meses em Arbitragem Internacional no escritório Luis Otavio Baptista. Eu queria mexer um pouco com Direito Internacional. Afinal de contas, eu tinha acabado de voltar da França.

Na prática, o que você fazia?

Além de traduzir um livro de Direito Internacional e Comercial, ajudava no escritório com as liminares. A gente trabalhou num grande processo de arbitragem que envolvia a empresa estatal angolana Endiama, de extração de minérios, em litígio com o Estado de Angola. O Estado de Angola contratou nosso escritório para defendê-lo.

Depois desses seis meses no escritório, você fez mais estágios?

Terminei esse estágio em dezembro. Em janeiro de 2015 entrei em outro estágio no fórum João Mendes.

Como foi esse novo estágio?

Quando você se realiza, se encontra. Para mim foi um divisor de águas, foi um prazer esse trabalho. Começava às 14 horas, mas meio-dia eu estava lá. Terminava às 18 horas, mas às 19 e 30 eu ainda estava lá.

Você trabalhava com juízes?

Sim. Os estagiários trabalham diretamente com juízes, promotores de justiça, defensores públicos. A minha mesa estava ao lado da mesa do juiz. Eu trabalhava com ele, era a melhor coisa do mundo. A gente discutia os casos, a jurisprudência, a doutrina. Minha sugestão aos alunos que vão entrar agora é dar preferência aos estágios públicos. Vocês vão aprender muito mais, vão ter maior contato com autoridades, magistrados, defensores públicos. Foi depois que entrei no estágio público que tive certeza de que era o que queria para o resto da minha vida.

O que foi marcante nessa experiência?

A independência, o grau de raciocínio. Estar na parte do Estado e não na área privada significa aplicar o Direito independentemente dos interesses individuais.

Você passou pelo exame da OAB?

Não tive preocupação com o exame da OAB, porque não quero ser advogado. Prestei o exame depois de formado e passei sem precisar estudar.

O que você está fazendo hoje?

Acabei de passar num concurso de oficial de promotoria no Ministério Público do Estado de São Paulo. Vou começar a trabalhar, estou esperando ser nomeado.

O que faz o oficial de promotoria?

Trabalha com o promotor. O oficial está para o promotor assim como o técnico judiciário está para o juiz de Direito. Ele vai cuidar de autos conclusos, da intimação de partes, do sistema e-SAJ (Sistema de Automação da Justiça).

Você pretende continuar estudando para a magistratura?

Vou passar três anos estudando para o concurso da magistratura. A Constituição de 1988 previu que todos os concursos da magistratura iam requerer três anos no mínimo de experiência jurídica. Isso para impedir juízes muito novinhos.

Como está o mercado de trabalho?

O mercado de trabalho de Direito não está bom, mas está muito melhor do que o de outras áreas. É difícil ver formados

na São Francisco que não consigam colocação. Para quem sai da São Francisco não existe dificuldade. Só vai ter dificuldade quem não tiver feito estágio. O estágio conta inclusive para colocação no mercado de trabalho.

Que matérias do colégio se revelaram mais importantes no seu dia a dia?

Tem uma matéria que eu acho fundamental para formação de juízes, que é História – do Brasil, do Mundo e Geral. Vai fazer o seu diferencial lá na frente. Seja no concurso público, seja no escritório. É sua bagagem cultural.

Quais são suas recordações do colégio?

O colégio foi sensacional. Uma organização impecável. Eu adorava o colégio. O melhor colégio em que eu estudei. Mil vezes melhor que a faculdade. Uma coisa importante era o material, a didática das apostilas e de tudo que as acompanhava. Estudei no sistema Etapa a vida inteira, me acostumei com o material, que recebia como um presente. Ele dá segurança, ajuda. Gostava muito das palestras. Tenho saudades, tenho vontade de voltar aqui para assistir às palestras de História. Gostava muito da Gincana Cultural, era muito divertida. E aqui eu fiz grandes amigos, que levo até hoje.

O que você pode dizer sobre a escolha por Direito?

Basta abrir o jornal em qualquer dia da semana para ver a importância que tem o Direito na sociedade brasileira e no mundo contemporâneo. O Direito abre a sua cabeça de tal forma que transforma você em cidadão. Uma coisa é você ser uma pessoa passiva, recebendo tudo aquilo que a sociedade e o Estado lhe oferecem. Outra coisa é você receber com olhos críticos, poder correr atrás dos seus direitos e cumprir seus deveres sabendo de suas obrigações perante o Estado, perante a sociedade. E perante você mesmo.

O que mais você gostaria de passar para nossos alunos?

Quero dizer que é importante seguir o coração na escolha da carreira. Mas é importante também levar em consideração outros fatores. É preciso levar em consideração fatores financeiros, residenciais, orientação da família. Eu poderia ter feito a escolha errada, mas não teria o menor problema em voltar atrás e tentar tudo de novo. Tive um colega formado em Medicina fazendo Direito. Isso eu acho o mais bonito, ele reconheceu que não era aquilo que queria para si mesmo, enfrentou a volta para a faculdade, a mudança. No noturno da São Francisco tinha muito isso, pessoas já formadas, de idade, buscando base jurídica para ajudar no trabalho.

SOBRE AS PALAVRAS

“Ovelha negra da família”

A expressão significa “filho que não tem bom comportamento”. A história dessa expressão surgiu do milenar trabalho do pastoreio. Em todo rebanho há sempre um animal de trato difícil, que não acompanha os outros, e o pastor não consegue evitar que o animal se desgarre. Este é denominado “ovelha negra”. Por metáfora, a expressão passou a ser aplicada na família para designar filhos que não tinham bom comportamento.